

Por que o Brasil não produz um similar nacional

A armadilha brasileira está no sistema educacional

Por que um negro americano pode chegar a general aos 42 anos, ao topo da hierarquia militar aos 52 e se tornar um forte candidato à Presidência da República aos 58 e no Brasil isso é impossível?

Respostas fáceis:

1 — Porque a sociedade brasileira é mais racista que a americana. (Falso, houve uma época em que a americana era mais racista que a brasileira.)

2 — Porque o Exército brasileiro é racista. (Falso, porque, ao contrário do que sucedeu no Exército americano até 1948, o negro brasileiro nunca foi segregado.)

Um fenômeno como o de Colin Powell é impossível no Brasil por causa das barreiras de educação e treinamento existentes no caminho dos jovens de famílias pobres. Aqui vai uma comparação de sua biografia com um hipotético traslado para as condições brasileiras:

Colin Powell é filho de um zelador de edifício e de uma costureira. Ambos jamaicanos. Seu pai nasceu num barraco. Ele, no Harlem (num pedaço mais para Velha Lapa, do que para Vigário Geral, no Rio). Quando tinha 6 anos, mudaram-se para o Bronx, na área onde Paul Newman filmou Forte Apache em 1980. Na época em que Colin Powell esteve no lugar, ele poderia ser comparado aos bairros de classe média como o Brooklin paulista. Era um garoto bem-comportado, coroinha da igreja episcopal, carregador de caminhões e faxineiro da Pepsi-Cola. ("Deve-se lavar o chão esfregando a vassoura de um lado para o outro, se você esfregar para a frente e para trás acabará arruinando suas costas", ensina.)

Era mau aluno, candidato certo à evasão. Ficou na escola porque os professores o seguraram. Além disso, morria de medo dos pais. No Brasil, o medo dos pais o seguraria na escola.

Quando terminou o secundário, Colin Powell não tinha notas para se candidatar a uma boa universidade pública nem dinheiro para tentar uma boa escola particular. Conseguiu um lugar no City College de Nova York (Rua 141), onde a anuidade custava US\$ 10, pois o propósito da escola é "dar uma educação qualificada aos filhos dos trabalhadores". (Formou três prefeitos de Nova York e oito Prêmios Nobel.) Diplomou-se em geologia com notas baixas.

No Brasil estaria fora do circuito universitário por falta de saber para o vestibular das boas universidades públicas e de dinheiro para as más da rede privada. Hoje ele avisa: "Enquanto eu ti-



Coroinha

ver o bom senso de lembrar de onde vim, defenderei a educação pública primária, secundária e superior."

Colin Powell não gostava de geologia nem de matemática. Encantou-se com a liturgia da igreja episcopal e viu no centro de formação de reservistas do Exército um projeto de vida disciplinada e hierárquica. Matriculou-se no Curso de Preparação de Oficiais da Reserva, tornou-se comandante do corpo de alunos e aos 21 anos era tenente na 3ª Divisão Blindada, baseada na Alemanha.

No Brasil não há passagem do CPOR para uma carreira militar plena. Só chega a coronel quem cursou a Academia Militar. Por mais que gostasse de botas bem engraxadas e de desfiles, teria sido um geólogo infeliz.

Sua passagem pelo Vietnã foi banal. Feriu-se duas vezes, uma porque pisou numa armadilha de bambu que lhe furou o pé e noutra porque fraturou o tornozelo num desastre de helicóptero durante o qual resgatou os tripulantes (inclusive um general). Tomou impulso quando fez concurso e foi aprovado na seleção de oficiais mandados para cursos universitários de paisanos. Acabou estudando processamento de dados. Matricularam-no num curso de seis meses, mas sabia tão pouco que seus chefes concordaram em mantê-lo por dois anos.

No Brasil não existe estímulo semelhante com seleção por concurso. Há casos de oficiais em universidades, mas decorrem de atos administrativos.

O major Colin Powell conheceu o poder porque, aos 34 anos, se inscreveu num programa chamado White House Fellows. É um estágio de um ano na presidência da República, só para profissionais jovens e bem-sucedidos. No seu ano os escolhidos foram 17. Pistolão? Nem pensar. Na sua banca de entrevistadores estava o economista Milton Friedman. Foi trabalhar no Departamento do Orçamento, "porque é por onde passa a jugular dos outros" e lá conheceu seu primeiro protetor, o ex-diplomata Frank Carlucci (serviu no Rio de Janeiro em 1968 e tinha duas preocupações: os excessos da ditadura militar e a falta de urbanização das favelas cariocas).

No Brasil não existe programa desse tipo nem para se saber como funciona o necrotério. Além disso, só quem sabe (mas não conta) como funciona o Planalto é o vice-presidente Marco Maciel.

Nem todos os garotos do Bronx foram para a universidade (da turma de rua de Powell, nenhum) e nenhum dos cadetes do City College chegou a general (o melhor morreu no Vietnã), mas as oportunidades oferecidas a Powell pela sociedade em que nasceu lhe permitiram chegar aonde chegou.

Seria incorreto supor que ele é uma exceção. Tem uma biografia excepcional, é certo, mas da família que saiu da Jamaica no início do século, nove fora Colin, os Powell produziram dois embaixadores, uma enfermeira, um arquiteto, dois juizes, um milionário e uma professora.